

RAUL BRANDÃO

e o Encanto das Ilhas

Exposição digital comemorativa dos 100 anos da passagem
de Raul Brandão pelos Açores em 1924



Rede de Museus e
Coleções Visitáveis
dos Açores

Catálogo Digital



Raul Brandão e o Encanto das Ilhas Imagens e narrativas

A comemoração dos 100 anos da passagem de Raul Brandão (1867-1930) pelos Açores é uma oportunidade única para refletir sobre o impacto duradouro dessa viagem na literatura e na cultura portuguesas. Em 1924, o escritor e jornalista visitou as ilhas num momento de descoberta e fascínio, que resultou na publicação, em 1926, da sua obra *As Ilhas Desconhecidas*, um dos mais belos testemunhos literários sobre o arquipélago. Nessa obra, Raúl Brandão não se limita a descrever as paisagens ou a registar os factos históricos. O seu olhar é profundamente lírico e sensível, capturando a essência do arquipélago, revelando ao mundo a beleza e a singularidade das ilhas, de uma forma que transcende a simples crónica de viagem. Para o escritor e jornalista, os Açores são um território de contrastes, onde a beleza e a brutalidade coexistem de forma quase mágica. As ilhas aparecem-lhe como espaços misteriosos, envoltos em neblina, onde a natureza tem uma presença avassaladora. Os vulcões, as falésias abruptas, o mar infinito e as lagoas de águas tranquilas, são descritos com uma linguagem rica e evocativa, transformando a geografia numa espécie de cenário mítico. Raul Brandão vê as ilhas não apenas como espaços físicos, mas como paisagens interiores, onde se refletem os sentimentos humanos de solidão, melancolia e resistência. O seu olhar poético revela um desejo de capturar a essência intangível das ilhas açorianas — aquilo que não se vê, mas se sente. Ele procura nas paisagens, nas tradições e nas pessoas uma espécie de alma coletiva, uma identidade açoriana que é ao mesmo tempo marcada pela dureza da vida insular e pela beleza inigualável do arquipélago.

Em 2024, recordando o centenário da passagem de Raúl Brandão pelos Açores, a Comissão Executiva da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores (RMCVA), no seu Plano de Atividades, aprovado em plenário por unanimidade, entendeu privilegiar, como uma iniciativa única, um projeto expositivo digital comemorativo dessa viagem. Concebemos um projeto simples, rapidamente exequível e de custos inexpressivos, que favorecesse uma cooperação estratégica entre todos os participantes, em torno de uma visão global e coletiva, onde todos se empenhassem com um contributo individual para a construção de um objetivo comum, absolutamente específico: as Comemorações do Centenário da Viagem de Raul Brandão aos Açores (1924 – 2024). Assim, como as 9 ilhas dos Açores, cada uma com a sua identidade e características únicas, contribuem para a riqueza do arquipélago, o olhar e a proposta de cada membro da RMCVA, de forma equitativa, oferece o seu contributo individual para a construção de um objetivo comum, um projeto expositivo digital capaz de projetar a imagem, cultural e patrimonial, dos Açores, no plano regional, nacional e internacional. Tal como o oceano une as ilhas, é o esforço coletivo que dá forma ao arquipélago, onde a diversidade se transforma em força e unidade. A todos os membros da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores foi solicitada a seleção de uma fotografia, e a escolha de uma citação literal de *As Ilhas Desconhecidas*, que com ela se relacionasse, identificando-as com a ilha a que pertencem. A exposição virtual proposta proporciona uma viagem no tempo, na qual se estabelece uma relação causal, de

afinidade geográfica, histórica, estética e poética entre as fotografias de paisagens açorianas e os excertos selecionados daquela obra literária. Cada ilha, com as suas peculiaridades e a sua beleza ímpar, é retratada através de um olhar fotográfico inspirado nas palavras de Brandão, criando uma sinergia entre imagem e narrativa.

O projeto reúne os 17 membros da RMCVA, incluindo 14 museus e 3 coleções visitáveis. A uniformização e padronização do projeto, tendo em vista a conceção do design e do layout desta exposição digital, ficaram a cargo da Direção Regional da Cultura.

Esta exposição digital permite que habitantes, turistas e estudiosos possam explorar as paisagens descritas por Raul Brandão, ligadas por um tema comum e uma experiência museológica integrada, reforçando também o papel dos museus e das coleções visitáveis como guardiões da memória, lugares de conhecimento e plataformas de encontro entre o passado e o presente, entre a literatura e a imagem, entre o visitante e a essência profunda das ilhas.

Sílvia Fonseca e Sousa
(Membro da Comissão Executiva da RMCVA)

Um roteiro pelos Açores

Da Madeira aos Açores
10 de junho de 1924

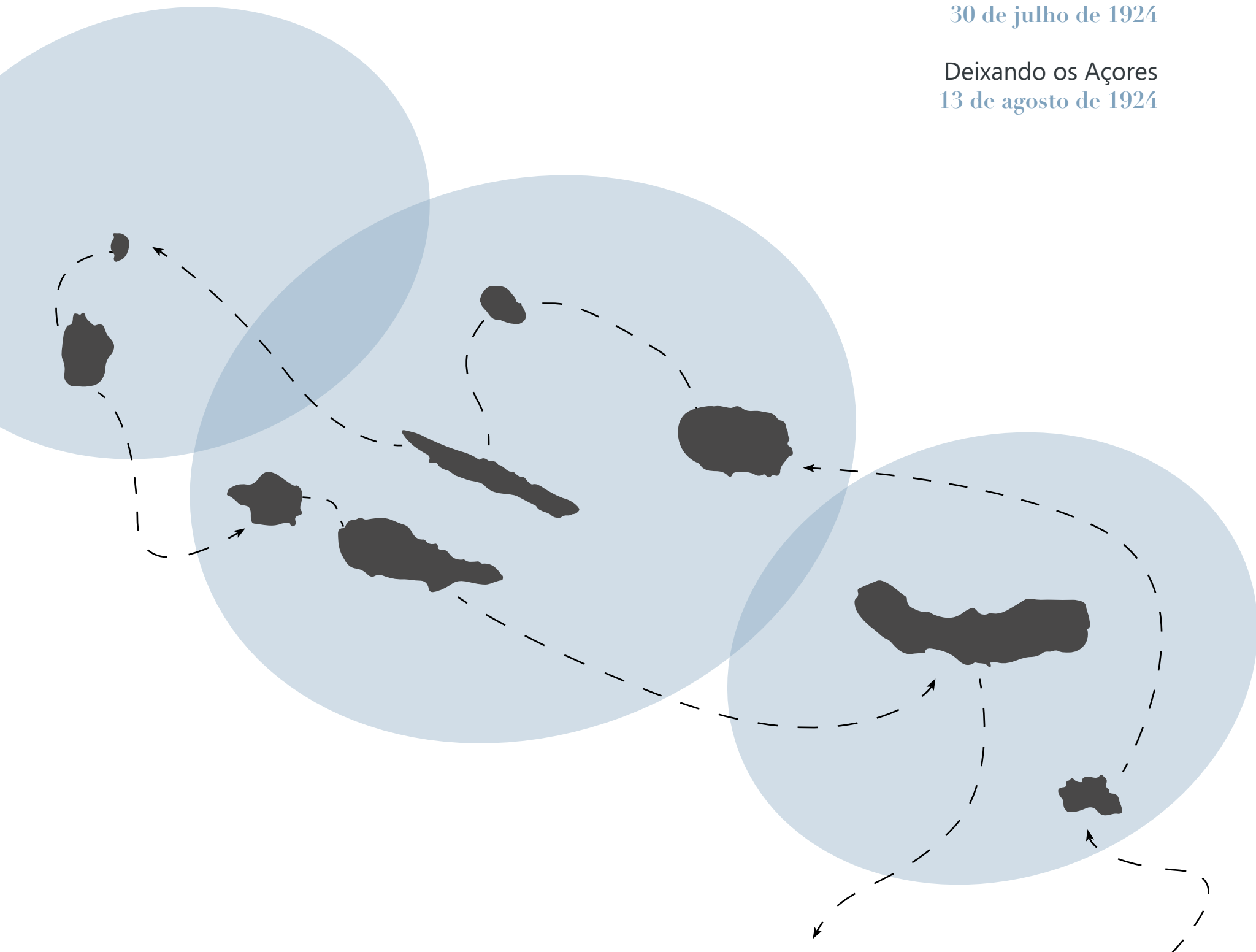
Segue viagem
para o Grupo Central
15 de junho de 1924

Com Corvo e Flores
à vista
17 de junho de 1924

No regresso
ao Grupo Central
16 de julho de 1924

Já em São Miguel
30 de julho de 1924

Deixando os Açores
13 de agosto de 1924



Da Madeira aos Açores

10 de junho de 1924

Largamos e vem a tarde, vem a noite, e o cair da noite no mar é um espectáculo trágico. Este movimento que não cessa, das ondas avançando em colunas cerradas, umas atrás das outras, sempre, põe-me diante do que mais temo no mundo – do universo como mistificação e acaso... Lá vão as cores – as tintas – o doirado... Sou aquele fragmento de tábua que as ondas levam sem destino, sempre no mesmo negrume, no mesmo movimento perpétuo e inútil... Não é só a ameaça, a grandeza da noite, do mar, das vozes; é outra coisa pior que se afirma – a tragédia do universo descarnada e posta a nu diante dos meus olhos. Com todas as suas complicações e o seu génio, as suas máquinas portentosas, com as suas ideias e a arquitectura que tem erguido e que chega aos céus – o homem, nestes momentos, sente que vale tanto como um cisco para esta coisa imensa e negra, para esta agitação incessante. Isto é pior que implacável, é pior que ameaçador: – não nos conhece.

De noite todo o barco geme. De quando em quando uma onda maior bate no costado – pah! ... Sinto-a contra mim, deitado no beliche, com um lamento que se prolonga e me enche de pavor. Pah! ... – é o negrume, o mar imenso e desconhecido, todo o mar. E o ah arrasta-se e desgrenha-se na noite, no vento, na profundidade.

...Uma manhã transparente que hesita e flutua como um ser delicado, envolta em neblinas. Céu dum azul pálido, forrado no horizonte de nuvenzinhas claras. Mar desmaiado, que não foi feito para se ver mas para respirar, esparso, quieto e fundido. Ao fundo uma mancha indecisa, envolta em névoa, que logo se resolve em poeira esbranquiçada... Há nas coisas uma hesitação, uma mescla, um abrir, como no princípio do mundo quando a água, a luz e a terra não estavam ainda separadas pela mão de Deus.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de Santa Maria

13 de junho de 1924

É aqui que os barcos de três velas vêm buscar o barro em bolas, para S. Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de todas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, caboucos, numa ruazinha escondida da vila. Processos primitivos: o homem numa oficina escura prepara e amassa o barro, a que os outros vão lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe a forma.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



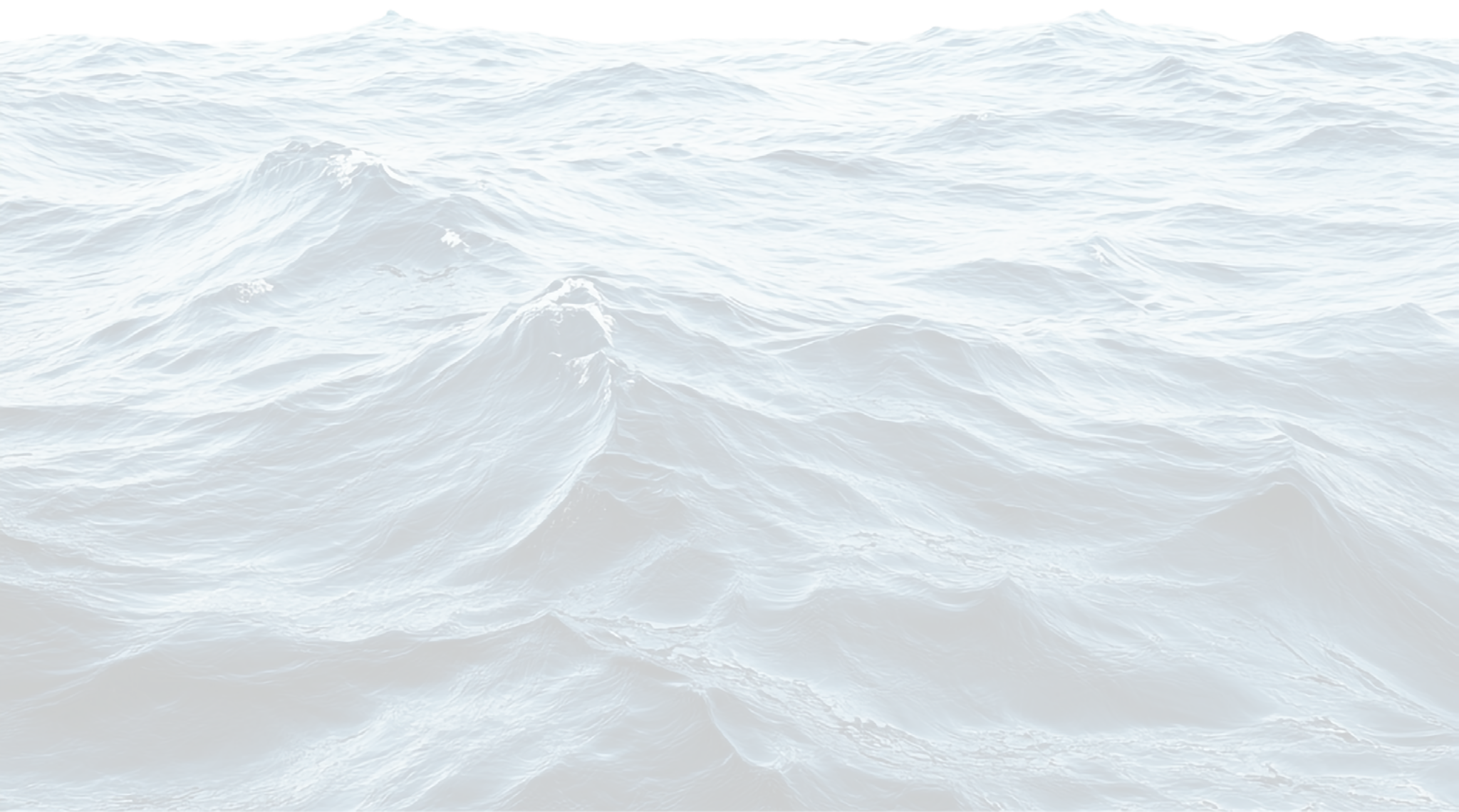
Segue viagem para o Grupo Central

15 de junho de 1924

O que eu gostava de dar esta vida que não acaba por desvendar-se e que por isso mesmo possui um encanto superior – todo em branco e cinzento amortecidos! E ainda os efeitos são o menos – a vida íntima desta luz extraordinária é que é tudo. Tão pouco! tão imaterial! tão exalação e alma! Só abstracção e receio... É outro mundo, que nos deixa perplexos. É outro mundo, em que os sentimentos devem ser mais amortecidos – povoados por fantasmas que sorriem e desaparecem. Há pedaços de mar virginais: não se sabe se de espuma se de cinza – e pedaços de terra misteriosos. Um mundo só branco e cinzento, um mundo baço, que não pode revelar-se, irresoluto– e cujo encanto se comunica mais pela alma do que pela vista...

O navio fundeia na Terceira, num vasto semicírculo, fechado ao norte pelo monte Brasil e do outro lado pela ilha das Cabras.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha Terceira

15 de junho de 1924

Demoro-me a olhar a cidade, donde irrompe uma pirâmide amarela, o monumento a D. Pedro IV. Num plano mais afastado alguns montes escavados. É Braga, Braga com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes, e que lhe deu na veneta para ser praia, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha Terceira

15 de junho de 1924

Gostei sempre de me perder nas quintas e nos jardins entre quadros rústicos de lavoura. Sentei-me num pomar de deliciosas nêsperas [...] Espreitei o recanto abrigado da vinha baixa [...] depois passei para o jardim silencioso e húmido [...]. Os jardins são sempre uma obra de arte, e quanto mais desordenados mais belos. [...]. Tenho de subir lá acima, a este ponto da quinta dos Prazeres onde se descobre o mar e a terra. Vê-se ao longe S. Jorge e Pico, e mais perto as lavouras dum verde negro e satisfeito, e entre as casinhas brancas de S. Mateus a singular igreja [...].

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha da Graciosa

16 de junho de 1924

Na luz matutina e fria das quatro horas tenho diante de mim um espectáculo único, quatro ilhas saindo do mar ao mesmo tempo – a Graciosa dum verde muito tenro acabando dum lado e do outro em penhascos decorativos; [...]

[...] Digo adeus para sempre à Graciosa – grande plaino entre dois montes redondos com a povoação branca no meio. [...]

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de São Jorge

16 de junho de 1924

Nesta terra de grandes proprietários, que alugam as pastagens por certo número de canadas de leite, há sítios que pagam por ano quinhentas canadas de leite por cada vaca e outros menos. Os pastores levam o leite à fábrica de manteiga, e no fim do ano pagam em dinheiro ao senhorio. Quanto mais caro for o leite, pior para o pastor, que tem fixo no arrendamento o número de canadas. Vivem em povoados e de manhã e de tarde vão aos baldios ordenhar as vacas.

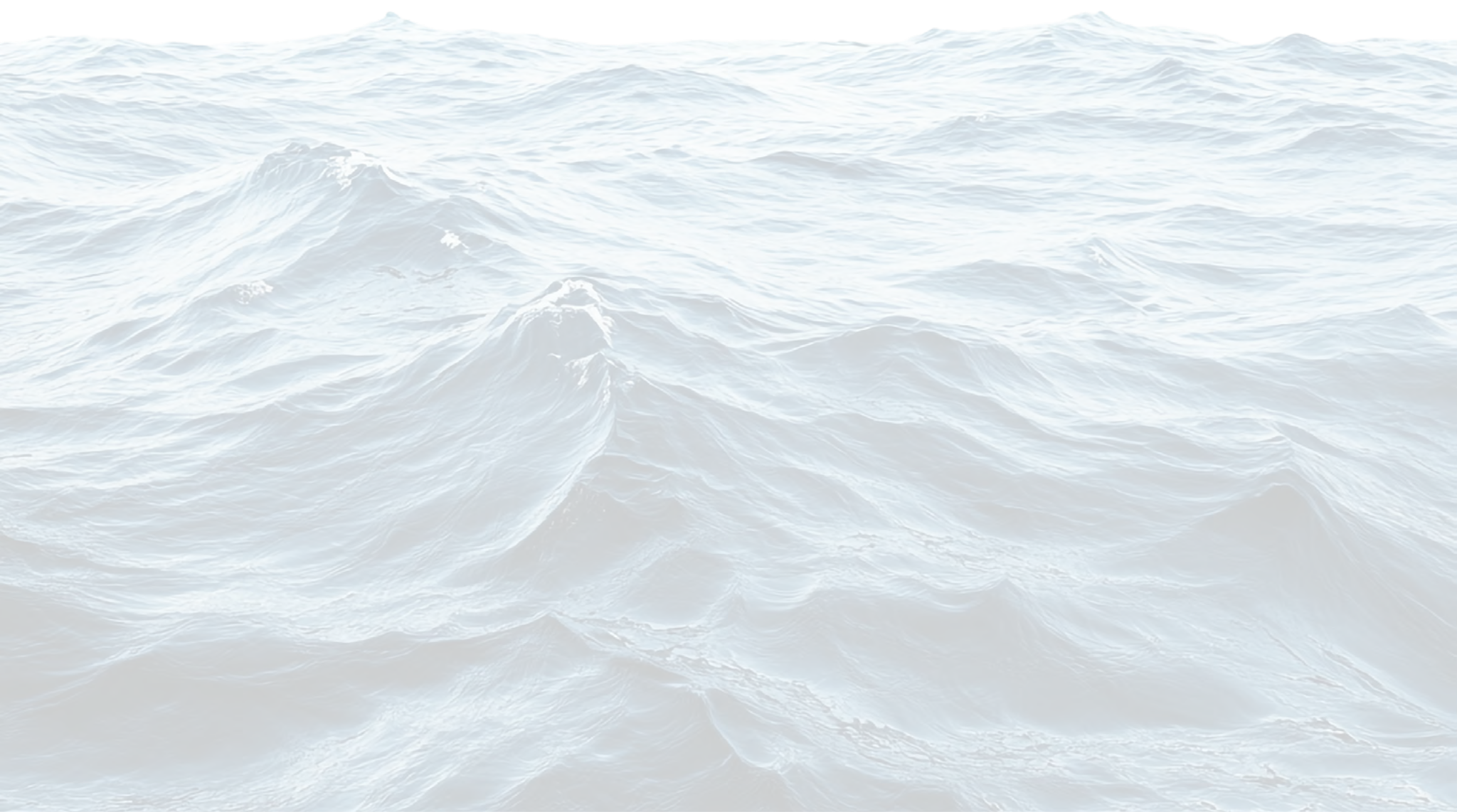
Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Com Corvo e Flores à vista 17 de junho de 1924

Ainda de noite, seguimos a caminho do Corvo, com o mar chocalhado, como se diz nos Açores. Este canal é amargo. Às cinco horas da manhã do dia 17 estamos à vista de duas manchas azuladas, Flores e Corvo, sob um céu velado e em águas revoltas. Uma hora depois distingo perfeitamente o cone de bronze truncado, com escorrências de verdete no alto. Não se vê uma árvore naquele enorme pedregulho batido pelas vagas. É com apreensão que desembarco no sítio mais pobre e mais isolado do mundo.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha do Corvo

20 de junho de 1924

*Nunca vi como nesta ilha tão extraordinário sentimento de igualdade.
O Corvo é uma democracia cristã de lavradores.*

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha das Flores

1 de julho de 1924

... o Corvo ao longe, desaparecendo na humidade e reaparecendo, quando a cortina descerra — a fisionomia estranha da terra, a vida efémera da água, da chuva e do tempo fantasmagórico. O carácter desta paisagem é a serenidade com uma pontinha de tristeza... Sempre enevoadada e fresca, húmida, com aquele monte voluptuoso ao fundo, é uma paisagem casta, que se oculta e revela, uma paisagem feminina no momento único em que se desnuda com pudor.

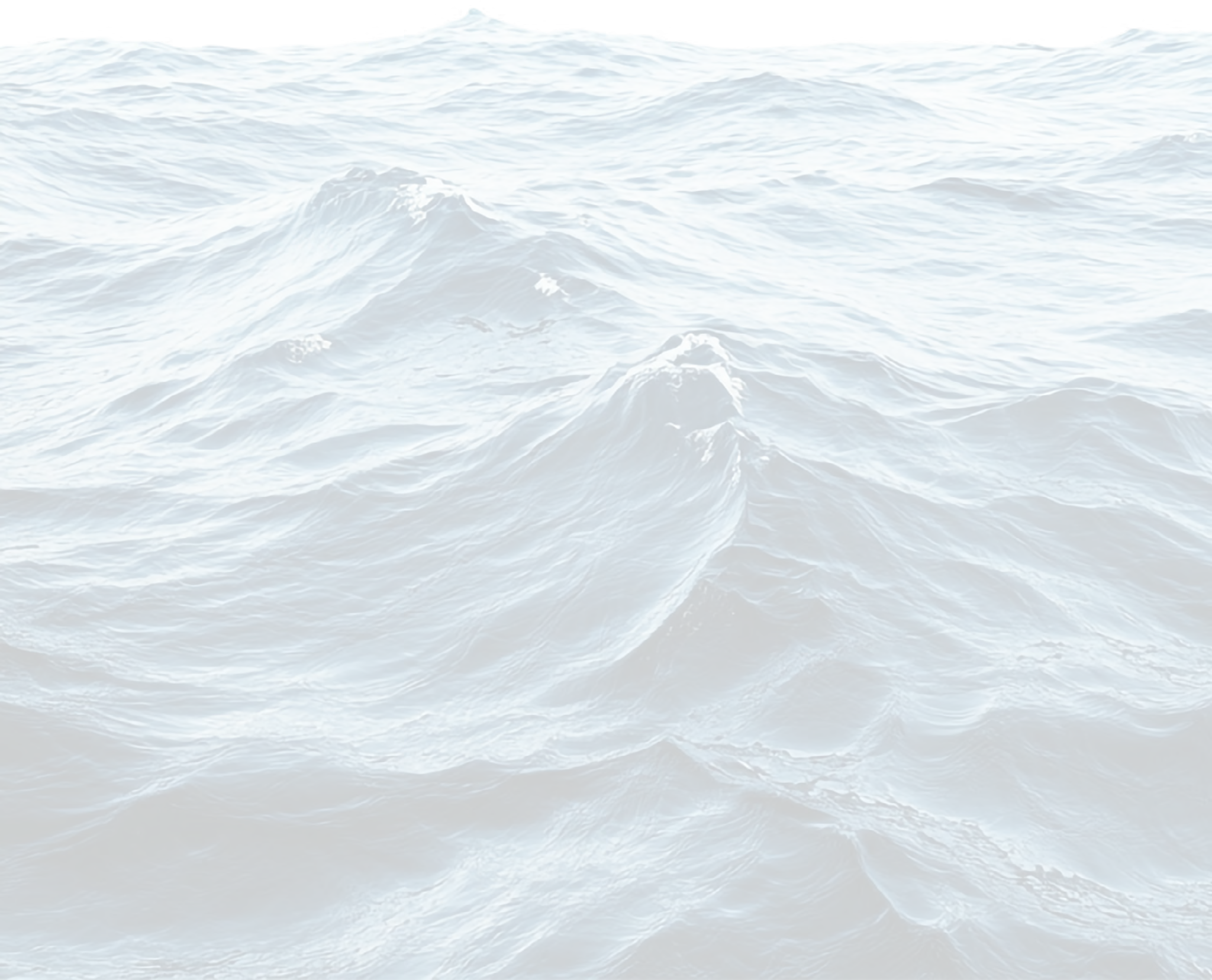
Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



No regresso ao Grupo Central 16 de julho de 1924

Já vejo a Horta ao fundo da baía limitada por dois morros, o Monte Queimado numa extremidade e na outra o Monte da Espalamaca.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha do Faial

16 de julho de 1924

*Em frente da Horta, o Pico formidável... Do alto do Monte das Moças
melhor se vê a Baía arredondada e o Monte Queimado que a separa de
outra concha mais pequena – o Porto Pim.*

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha do Faial

16 de julho de 1924

Já vejo a Horta ao fundo da baía limitada por dois morros, o Monte Queimado numa extremidade e na outra o Monte da Espalamaca. É uma cidade de uma só rua, como eles dizem, a branco e cinzento. Alguns conventos, algumas igrejas pesadas, velhas e simpáticas casas de província com varandas de madeira e reixas: às vezes na varanda um postiguinho para a mulher falar ao namoro acocorada no chão. – Cheguei-me ao ralo – dizem as meninas. Calçadinhas desertas e ruas solitárias, atravessadas de quando em quando por um meteoro loiro: são as raparigas americanas do cabo, a galope de cavalo, com os cabelos ao vento. Onde a onde um solar de província com o granel ao lado. É uma terra de gente ilustrada e hospitaleira.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha do Pico

27 de julho de 1924

Esta ilha negra e disforme apoderou-se dos meus sentidos. Tudo o que a princípio me repelia, o negrume, o fogo que a devora, o mistério, tudo me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais que uma ilha - é uma estátua erguida até ao céu e amoldada pelo fogo – é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.

Apago todas as tintas do quadro: só quero o Pico diante de mim, negro e dramático, roído da cinza que há-de acabar por devorar seres e coisas, deixando-o a prumo no céu, com a carcaça da catedral ao abandono na praia...

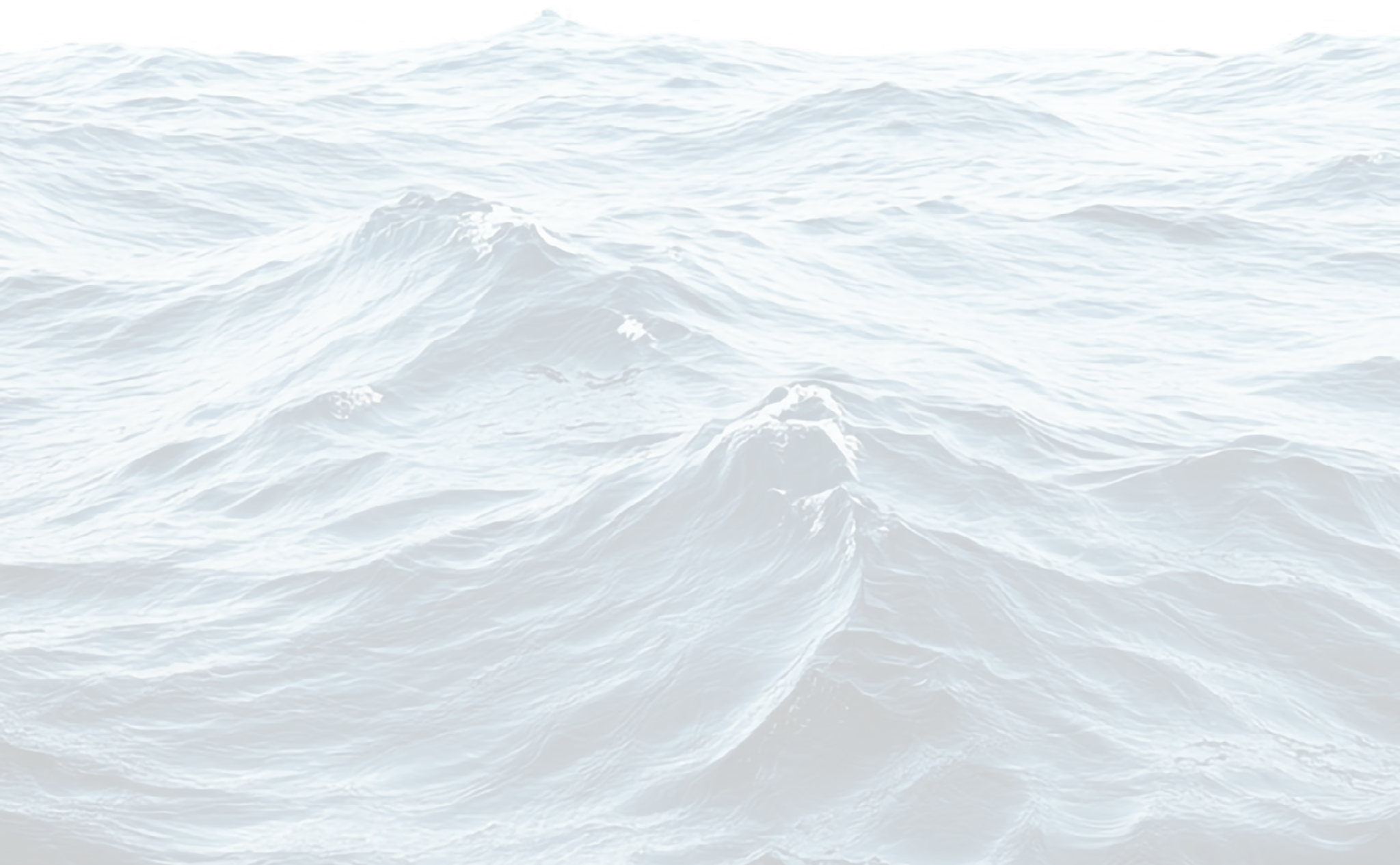
Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Já em São Miguel 30 de julho de 1924

Tenho diante de mim a escarpa com um campanário perdido, ondulações e moinhos, um grande monte azulado ao longo e um espraído que termina com colinazinhas quase do mesmo tamanho formando biombo. Meia hora depois entro em Ponta Delgada e no seu porto artificial. É uma pequena cidade irregular e alegre, estendida à beira-mar, com as colinas verdes ao fundo: na rua passa de quando em quando um fantasma disforme de capote de muita roda. Nesta paisagem verde e calma, com um céu de mata-borrão por cima, prende-me os olhos aquele monte violeta com a Lagoa na base...

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de São Miguel

30 de julho de 1924

As casas são sempre as mesmas casas, os homens os mesmos homens de toda a parte. Os jardins não. Nem os jardins nem o convento da Esperança, de que também não esqueço mais a torre enorme e maciça, construída para a eternidade, e as janelas tão gradeadas que metem medo. Mais forte, mais pesado que uma prisão, oprime o peito e tira o ar. Esta impressão talvez a sentisse Antero, porque foi aqui, num banco encostado à muralha, que, depois de olhar para todos os lados sem poder fugir, se libertou da vida.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de São Miguel

4 de agosto de 1924

Mais um lance de estrada que sobe, e tenho diante de mim a rica planície da Ribeira Grande, largo quadro de tons variados, desde o loiro do trigo até ao verde-escuro do milho...

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de São Miguel

4 de agosto de 1924

... e o aspeto muda na Ladeira Velha, trecho de costa recortada e verde ou diluída em névoa, largo panorama de sombras, de tintas atenuadas, de neblinas listadas de verde-dobrado, indistinto até ao roxo vaporoso, até ao verde-escuro lá para a beira da água.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ilha de São Miguel

6 de agosto de 1924

Ponho-me a cismar que por baixo dos meus pés o vulcão continua a cozinhar a fogo brando não sei que estranho refogado, deitando o excesso de vapor pelas caldeiras, às vezes numa fumaceira que mete medo. Há ocasiões em que aquele inferno se aplaca. Espreito a água a ferver dentro das panelas que se chamam a Caldeira Murada, a Caldeira de Pêro Botelho, a Caldeira do Esguicho, que salpica, e outras mais. São quatro maiores e alguns buracos, que borbulham ou cospem jactos de lama. Uma delas, a Caldeira do Polme, escarra com ar trágico uma poeira acinzentada que sai lá do fundo em estertores. Mas por toda a parte a água ferve em cachão. O ar está impregnado de gás carbónico e de enxofre. Cheira.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*

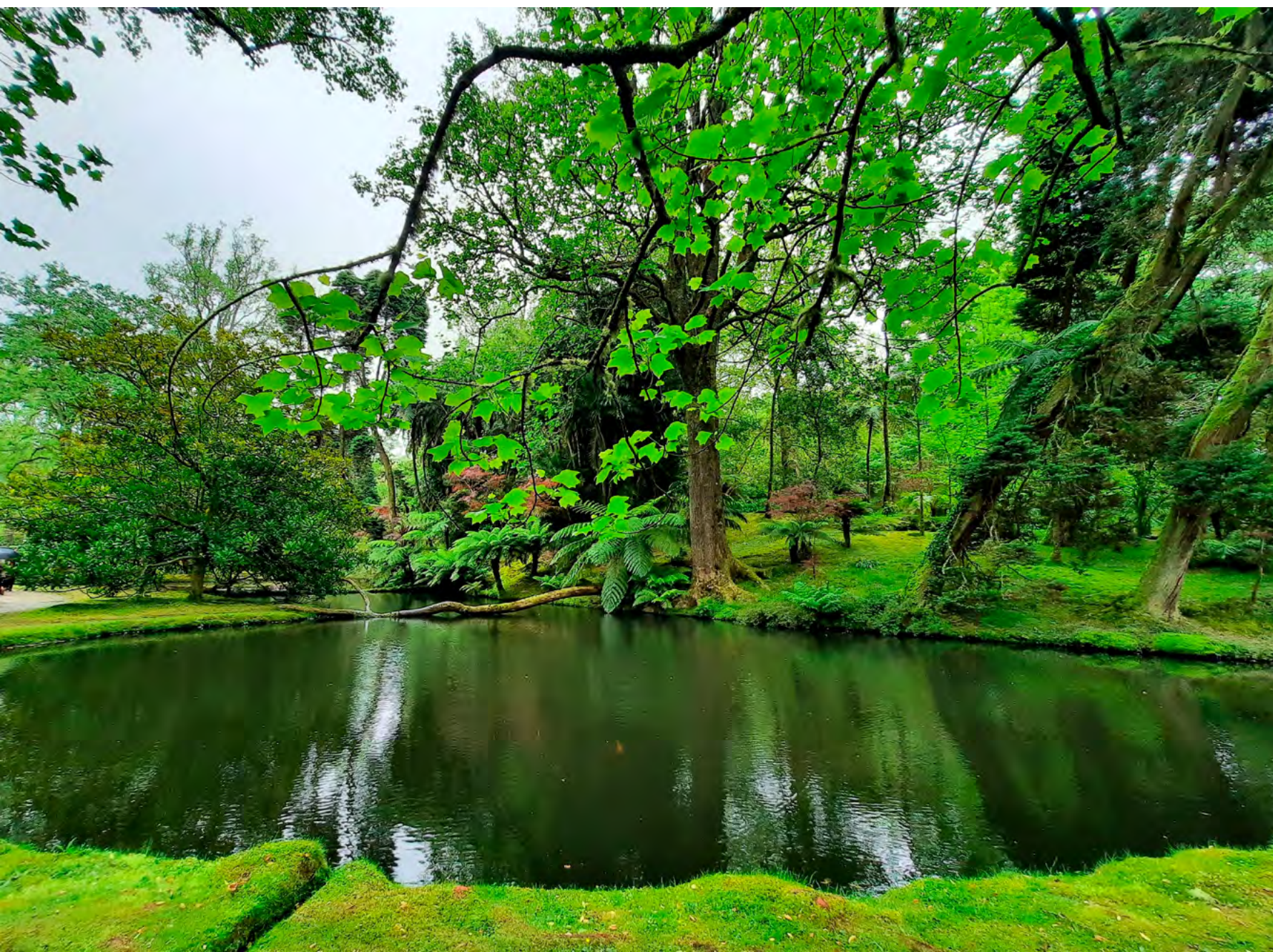


Ilha de São Miguel

6 de agosto de 1924

É Verde, verde parado e imóvel que se reflecte nas águas chocas dos lagos, em verdes mais sombrios – na água com pústulas e limos – num arripio que as arranca à sua imobilidade hierárquica. São gigantescos negrilhos, carvalhos estendendo por toda a parte os braços musculosos, chorões que se debruçam e mergulham os fios nervosos na quietação do lago, renques de fetos abrindo no ar a cauda de rendas. Um regato passa pelo meio do parque, cortando-o de vozes e murmúrios. (...)

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



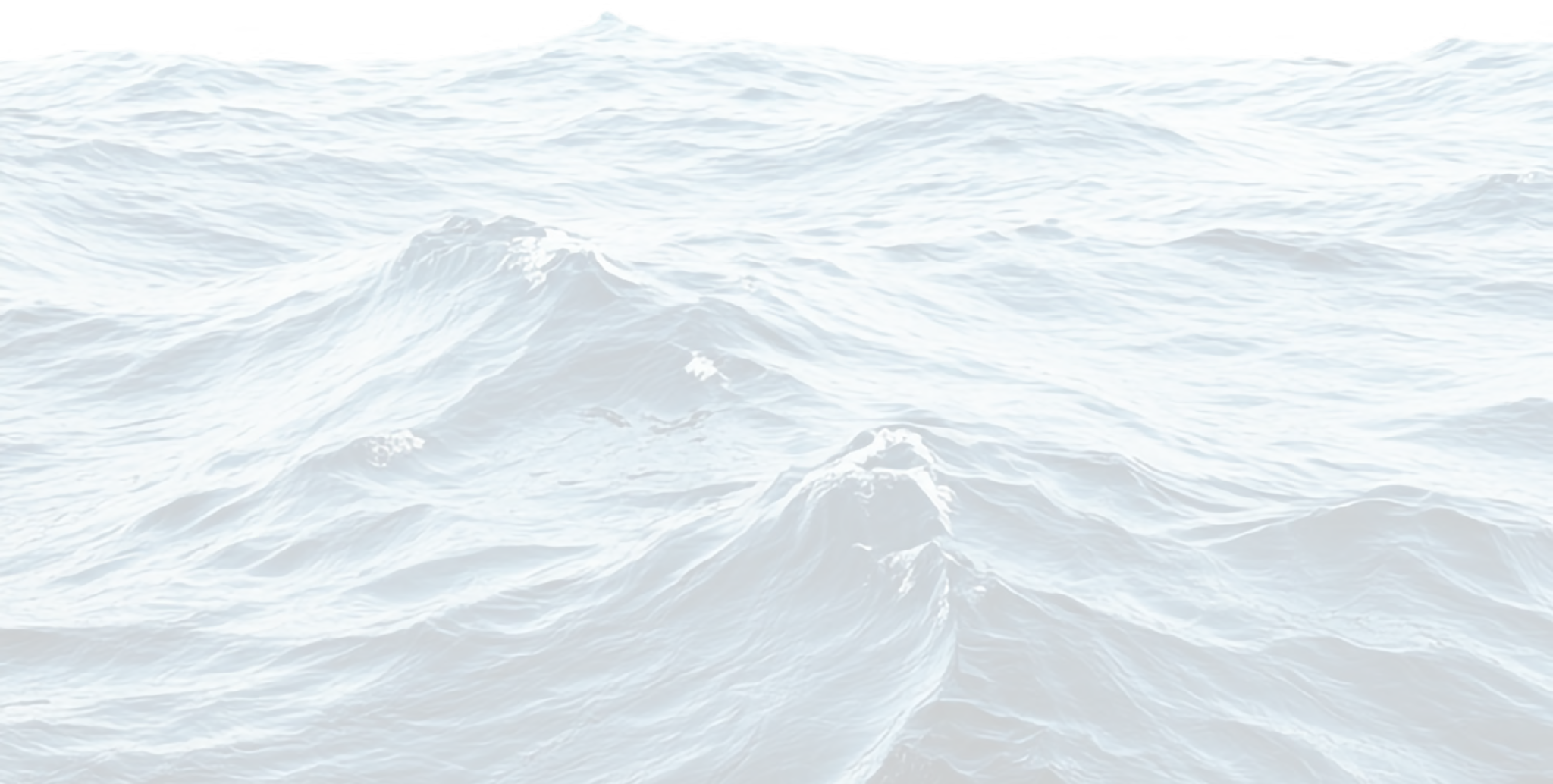
Deixando os Açores

13 de agosto de 1924

Nunca mais me esqueceu a manhã virginal da Madeira, e as cores que iam do cinzento ao doirado, do doirado ao azul-indigo – nem a montanha entreaberta saindo do mar diante de mim, a escorrer azul e verde...

Levanto-me a bordo, à procura da luz – de outra luz em que fui nascido e criado e de que começo a sentir cada vez mais a falta. Anseio por a tornar a ver, a luz sem nuvens, a luz doirada, a luz pura e viva. Mas o dia está ainda nublado: as mesmas nuvens, talvez mais leves, em pequenos toques delicados de pincel, e no mar pálido bóiam riscos esbranquiçados. Quatro da tarde: – suponho que vejo lá para o fundo, sobre as ondulações da vaga, uma faixa de outro azul – do azul que se respira. Como despedida, caem ligeiros chuviscos. Para os Açores continuam a amontoar-se nuvens mais escuras: – correm todas, atraídas para as ilhas, como quem tem um destino a cumprir...

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*



Ficha Técnica

Exposição virtual |

Raúl Brandão e o Encanto das Ilhas

Realização |

Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores

Direção |

Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores

Membros participantes |

Fábrica da Baleia de Porto Pim, Museu Carlos Machado, Museu da Graciosa, Museu da Horta, Museu das Flores, Museu de Angra do Heroísmo, Museu de Santa Maria, Museu Municipal de Vila Franca do Campo, Museu do Pico, Museu do Tabaco da Maia, Museu Francisco de Lacerda, Museu Militar dos Açores, Museu Municipal da Ribeira Grande, Museu Vulcano-Espeleológico Machado Fagundes – Associação Os Montanheiros, Ecomuseu do Corvo

Curadoria |

Comissão Executiva da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores

Exposição Digital |

Rui Marques / Direção Regional da Cultura

Design do Catálogo e Comunicação |

Ana Rita Lima / Direção Regional da Cultura



Rede de Museus e
Coleções Visitáveis
dos Açores

